



“Vamos passear no bosque”: avaliação de visitas monitoradas ao Bosque Rodrigues Alves, Belém (PA)

“Let’s go for a walk in the woods”: evaluation of guided visits to the Bosque Rodrigues Alves, Belém (PA, Brazil)

Fabício Lemos de Siqueira Mendes, Juliana Azevedo Hamoy,
Helena Doris de Almeida Barbosa

RESUMO: Parques urbanos são excelentes espaços para o desenvolvimento de atividades com a natureza, mas carecem de recursos humanos por conta, em geral, de sua dimensão. Essa carência interfere na orientação e condução dos visitantes, que tendem a finalizar suas visitas sem informações ou mesmo mal-informados sobre o local visitado. Projetos de extensão de instituições de ensino superior, como o Visita Monitorada em Parques Urbanos da Grande Belém (PA) (VMPU), visam suprir essa lacuna. Oriundo da Faculdade de Turismo, da Universidade Federal do Pará (UFPA), e atualmente desenvolvido no Bosque Rodrigues Alves – Jardim Zoobotânico da Amazônia, localizado no centro da cidade de Belém (PA), o projeto enfoca a zoologia e a botânica amazônica, buscando incentivar visitas monitoradas de qualidade aos parques urbanos e, conjuntamente, valorizar seu patrimônio. O objetivo deste trabalho é avaliar as ações do projeto e o desempenho de seus monitores. Para tanto, foram convidados discentes do curso de Bacharelado em Turismo da UFPA para uma visita monitorada e, ao fim da trilha, foi aplicado um questionário com perguntas fechadas, posteriormente tabuladas e analisadas. Os resultados apontam para a preferência por esse tipo de visitas, tendo o monitor apresentado bom desempenho durante a trilha. Os entrevistados destacaram a importância do monitor, pois a maioria deles já havia visitado o mesmo parque urbano, mas as informações então prestadas contribuíram para o entendimento da biodiversidade amazônica. Logo, os parques urbanos são importantes ambientes para a interação com os recursos naturais, porém a presença de monitores nesses locais, com conhecimento adequado para a condução dos visitantes, revelou-se imprescindível para que a visita não se limite à contemplação da natureza.

PALAVRAS CHAVE: Parque Urbano; Visita Monitorada; Amazônia; Turismo.

ABSTRACT: Urban parks are excellent places for nature-related activities, but they often lack human resources due to their size. This shortage affects the guidance and management of visitors, who usually conclude their visits without giving information or being misinformed about the location visited. Universities extension projects, such as Guided Visits in Urban Parks of Belém (PA, Brazil) (GVUP), aim to address this gap. Originating from the Faculty of Tourism, of the Universidade Federal do Pará (UFPA), and currently developed in the Bosque Rodrigues Alves – the Zoo and Botanical Garden of the Amazon, located in Belém (PA) downtown area, the project focuses Amazonian zoology and botany, seeking to encourage quality guided visits to urban parks and, concurrently, to value their heritage. The goal of this study is to evaluate the project's actions and the performance of its guides. For this purpose, students from the Tourism Bachelor's Program at UFPA were invited for a guided visit, and at the end of the trail, a questionnaire with specific questions was conducted, subsequently tabulated, and analyzed. The results indicate a preference for this type of visit, with the guide showing good performance during the trail. The people interviewed emphasized the importance of the guide, as most of them had already visited the same urban park, but the information provided contributed by the guides to the people helped their understanding of amazonian biodiversity. Thus, urban parks are important places for interacting with natural resources, however, the presence of guides in these places, with adequate knowledge to guide visitors, proved to be essential not limiting the visit only to nature contemplation.

KEYWORDS: Urban Park; Guided Visit; Amazon; Tourism.

Introdução

Nas últimas décadas, os problemas ambientais têm ganhado destaque nos meios de comunicação, estando mais presente nas discussões da sociedade contemporânea, contrapondo-se, assim, ao distanciamento que o capitalismo e o avanço tecnológico normalmente impõem à relação indivíduo e meio ambiente. Nesse contexto, a Amazônia brasileira passou a ser o centro das inquietações globais, em decorrência do agravamento ou aceleração da degradação ambiental, principalmente no que se refere à biodiversidade da região, como tem destacado Kitamura (1994) desde o final do século XX. Uma das preocupações mais significativas sobre essa questão é a diminuição das áreas verdes em centros urbanos, o que acarreta a diminuição de espaços disponíveis e adequados para o lazer.

Belém é considerada uma das principais portas de entrada para a Amazônia; contudo, estudos apontam para a significativa redução de suas áreas verdes (Cardoso e Ventura Neto, 2013; Lobato *et al.*, 2023). Um dos espaços que buscam preservar a natureza na paisagem urbana da capital do estado do Pará, além de conservar sua biodiversidade, tanto para serviços ambientais como para atividades de lazer, é o Bosque Rodrigues Alves – Jardim Zoobotânico da Amazônia (BRA-JZA). Localizado no centro da cidade, esse Parque Urbano (PU) possui mais de dez mil árvores e mais de quatrocentos animais, distribuídos em uma área total de 15 hectares, que recebe diariamente visitantes de várias regiões do país.

Áreas verdes como o BRA-JZA são fundamentais para a qualidade de vida da população. Compreender a necessidade de tornar esses espaços mais conhecidos e, ao mesmo tempo, possibilitar que seus visitantes os conheçam mais profundamente estimula a criação de vínculos e o sentimento de pertencimento, incitando o resguardo dos PU e a conservação da natureza. A fim de sanar essa necessidade e oportunizar aos discentes da Universidade Federal do Pará (UFPA) a experiência interdisciplinar que os PU podem oferecer ao graduando, foi criado o projeto de extensão Visitas Monitoradas a Parques Urbanos da Grande Belém-PA (VMPU), desenvolvido pela Faculdade de Turismo (FACTUR) da UFPA.

Realizado desde 2016 no BRA-JZA, um dos PU mais antigos da capital paraense, e dinamizado por docentes e discentes da FACTUR, a partir da tríade pesquisa, ensino e extensão, o projeto tem como objetivo incentivar a prática de visitas monitoradas em PU, por meio da articulação das áreas do turismo, biologia e educação, norteadoras do ecoturismo na Amazônia, associando atividades de pesquisa, dinâmicas integradas, elaboração de material didático e divulgação. O VMPU atende um público diversificado, que busca um espaço turístico, de lazer e de educação. Desse modo, esse estudo, fruto do referido projeto, tem por objetivo refletir sobre a avaliação dos discentes da FACTUR acerca das visitas monitoradas ao BRA-JZA.

Parques Urbanos, lazer e animação cultural

Os PU são espaços verdes que se inserem “numa lógica que pressupõe promover no espaço urbano condições ou formas de reunir o espontâneo e o artificial, a natureza e a cultura” (Gomes, 2014, p. 87). Portanto, uma de suas funções é a manutenção de áreas verdes, as quais são fornecedoras de serviços ecossistêmicos às cidades, como o conforto climático (pelo sombreamento), a melhoria da qualidade do ar, armazenamento de CO₂ pela respiração das plantas, absorção adicional da radiação solar por meio da fotossíntese etc. (Duarte *et al.*, 2017).

Para além dos benefícios biológicos, esses espaços também contribuem para as funções psicológicas dos indivíduos, já que são uma quebra no padrão das áreas construídas das cidades e, conseqüentemente, podem contribuir com a diminuição da irritabilidade, do estresse, bem como auxiliar na desaceleração do cotidiano dos centros urbanos. De acordo com Martins e Araújo (2014, p. 39), “a cidade industrial moderna colocou a exigência de áreas verdes, parques e jardins, como elemento urbanístico, como ornamentação urbana, necessidade higiênica, recreação, defesa e recuperação do meio ambiente”. Portanto, os PU podem ser entendidos também como espaços contemporâneos que permitem trazer uma pequena parcela do ambiente natural para as cidades intensamente urbanizadas, a fim de melhorar a qualidade de vida da população (Faustino; Teles, 2021, p. 392). Nesse sentido, Loboda e De Angelis (2005, p.134) afirmam que:

[...] áreas verdes urbanas são de extrema importância para a qualidade da vida urbana. Elas agem simultaneamente sobre o lado físico e mental do Homem, absorvendo ruídos, atenuando o calor do sol; no plano psicológico, atenua o sentimento de opressão do Homem com relação às grandes edificações; constitui-se em eficaz filtro das partículas sólidas em suspensão no ar, contribui para a formação e o aprimoramento do senso estético, entre tantos outros benefícios.

Outra importante função dos PU é a sua utilização para o lazer, uma prática social que envolve a busca pelo prazer e satisfação pessoal, caracterizada pela subjetividade de cada indivíduo, e contribui significativamente para o aumento da qualidade de vida e promoção do bem-estar (Melo, 2003; Marcellino, 2002).

O ritmo frenético das cidades é reflexo do processo desencadeado em meados do século XVIII pela Revolução Industrial, tendo como parâmetro a contabilização da produção fabril e da jornada de trabalho pelo tempo artificial, o do relógio, em detrimento do tempo da natureza. Como resultado, a definição do tempo do trabalho e tempo do não trabalho, juntamente com a delimitação do tempo de lazer, por meio dessa lógica, torna a vivência lúdica mais fragmentada.

Com o modelo de desenvolvimento vigente e o cansaço constante, fruto de um trabalho, por vezes, mecânico, a prática de lazer tem se tornado cada vez mais restrita. Essa restrição é resultado de dois aspectos: a mercantilização do lazer e a diminuição dos espaços públicos de lazer (Bahia, 2012). A mercantilização estimula um lazer voltado ao consumo, de modo que, para usufruí-lo, é preciso desembolsar determinado valor. A diminuição dos espaços públicos de lazer, especialmente para esse estudo, é consequência da ineficiência do setor público na gestão desses espaços, assim como do esvaziamento social, isto é, o pouco uso pelos moradores (possivelmente pela falta de manutenção ou informação). Com potencial considerável para a prática do lazer, os PU tendem a diminuir essas restrições e, além disso, por meio de atividades recreativas, podem ser utilizados como espaço não formal de Educação Ambiental (EA).

As atividades recreativas podem ser desenvolvidas a partir da animação cultural, que é uma ferramenta educacional passível de ser aplicada em diversos contextos e ambientes sociais, tendo como objetivo principal a intervenção consciente. A animação cultural emerge do desejo de provocar mudanças na realidade e seu propósito central é contribuir para a formação de uma sociedade mais justa, igualitária e democrática (Melo, 2021).

Nesse processo, a animação cultural visa promover a aceitação e a mediação das diferenças entre os indivíduos, incentivando o reconhecimento e a utilização de suas capacidades criativas e recursos de prazer. Além disso, busca encorajar as pessoas a se posicionarem de forma ativa e crítica em relação à sociedade em que vivem. Para Dias e Isayama (2014), os objetivos da animação cultural abrangem diversos aspectos: promover uma compreensão mais profunda das pessoas em relação a si mesmas e ao mundo que as cerca; estimular uma participação mais ativa dos indivíduos nas questões sociais mais amplas (tal qual o meio ambiente), encorajando a busca constante de soluções coletivas para os

problemas de suas comunidades, além de possibilitar a constante renovação das estratégias de enfrentamento dos desafios sociais.

Ainda de acordo com Dias e Isayama (2014), outro objetivo é preparar as pessoas para serem agentes de mudança na sociedade, levando-as a refletir constantemente sobre seu papel nesse processo. Essas reflexões fornecem a base para entender o lazer por seu viés educacional, tanto como instrumento quanto como propósito. O lazer, outrossim, é uma ferramenta para estimular a participação cultural, com o objetivo de estabelecer uma nova ordem cultural na comunidade.

Para alcançar esses objetivos, é fundamental que as experiências de lazer sejam discutidas, planejadas, executadas e avaliadas por todos os envolvidos – os profissionais desempenham um papel importante ao auxiliar nesse processo de construção social de políticas públicas. Isso implica motivar os indivíduos a se organizar e formar grupos de interesse cultural, criando condições para ampliar, diversificar e democratizar as oportunidades de conteúdo cultural disponíveis.

Educação Ambiental e trilhas interpretativas no BRA-JZA

A importância da utilização da animação cultural na EA se potencializa nos espaços não formais de educação, a exemplo do BRA-JZA. Por meio da EA, o indivíduo e a coletividade podem construir valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação ambiental, pois o meio ambiente é um bem de uso comum, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade (Brasil, 1999).

A EA não formal oferece oportunidades para promover a conscientização ambiental e o aprendizado dos cidadãos. Ela abrange diversos conhecimentos e estimula reflexões sobre questões ambientais, usando estratégias diversificadas para alcançar um público amplo e variado. Pode ser aplicada em áreas verdes, praças e jardins botânicos, servindo como um meio de disseminação de informações e conscientização ambiental.

Embora o BRA-JZA seja um relevante espaço de lazer, educação e turismo de Belém, a cidade, de modo geral, vem perdendo gradativamente suas áreas verdes públicas urbanas. Essa perda tem influência direta na qualidade de vida da população, bem como nas práticas de lazer, que também estão se tornando cada vez mais restritas, inclusive nas áreas verdes ainda disponíveis (Lobato *et al.*, 2023).

A FACTUR da UFPA, visando contribuir para reforçar os planos de ação nesse PU e estimular a EA na cidade, firmou parceria com BRA-JZA, que é gerido pela Prefeitura de Belém. A parceria consiste no desenvolvimento do projeto de extensão Visitas Monitoradas em Parques Urbanos (VMPU), que busca incentivar a prática de visitas monitoradas em PU pela articulação das áreas do turismo, ecologia e biologia, que são os princípios do ecoturismo na Amazônia; estimulando a sensibilização ambiental.

A partir de uma abordagem multi e interdisciplinar, que associa as áreas do Turismo e da Biologia, o projeto busca incentivar o desenvolvimento econômico, sustentável, social e ambiental. Além disso leva o lazer e o turismo responsável às

discussões nas salas de aula tanto da FACTUR como da Faculdade de Ciências Biológicas, destacando a necessidade de preparar visitantes para interagir de maneira respeitosa com o ambiente, especialmente em Unidades de Conservação, como o BRA-JZA.

O projeto promove a integração entre a pesquisa acadêmica e a comunidade, a partir do conhecimento adquirido pelos estudantes na universidade e da história de vida de cada ator que participa (mesmo transitoriamente) do projeto. Além de estimular a prática acadêmica na temática ambiental, propõe a implementação de um grupo de estudo para aprimorar visitas monitoradas e discutir temas socioambientais. A iniciativa, que contribui para o fortalecimento da cooperação entre a UFPA, o poder público e a sociedade, também inclui a criação de atividades de sensibilização dos visitantes sobre questões socioambientais, a produção de material didático para melhorar visitas monitoradas e o levantamento de dados para a elaboração de artigos científicos.

Atualmente o projeto é operacionalizado em quatro trilhas, elaboradas com apoio da equipe do BRA-JZA, que foram organizadas para atender diferentes públicos: de 5 a 10 anos, focada especialmente nos animais e com duração de 30 a 45 minutos; de 11 a 16 anos, que passa por animais e por pontos históricos, com duração entre 45 a 50 minutos; a partir de 18 anos, que é a mais longa e passa por animais e mais pontos históricos e tem duração de uma hora; além da trilha direcionada a pessoas com deficiência e mobilidade reduzida, que foca nos animais e em alguns pontos históricos e dura cerca de 40 minutos.

De acordo com Murta e Goodey (2002, p. 36), “[...] trilha é uma rota, já existente ou planejada, que liga pontos de interesse em ambientes urbanos ou naturais”. Os pontos de interesse mencionados são aqueles que se manifestam e se destacam ao longo da trilha, sendo que a capacidade de os perceber advém de uma observação atenta durante a caminhada. No BRA-JZA, as trilhas podem ser consideradas interpretativas, porque seus

[...] pontos relevantes e recursos são mostrados para as pessoas que irão utilizá-las, através de intérpretes especializados (guias, professores, monitores preparados para a finalidade), complementados por folhetos interpretativos ou ainda painéis e outros recursos (Menghini, 2005, p. 93).

Nesse pensar, as trilhas interpretativas contribuem para que os visitantes vivenciem e interajam positivamente com o ambiente por meio da socialização estimulada pelos monitores, como ocorre no VMPU. Em contrapartida, os discentes (monitores) da FACTUR podem colocar em prática o conhecimento não formal e o teórico adquirido em sala de aula (formal) durante o curso.

Caracterização da área de estudo

No final do século XVII, o processo de expansão urbana da cidade de Belém promoveu a melhoria da infraestrutura e dos logradouros públicos, em virtude principalmente da concentração das atividades político-administrativas e da posição geográfica da cidade, considerada a porta de entrada à Amazônia (Sanjad,

2001). O paisagismo em seus espaços públicos, portanto, sempre esteve associado, sobretudo, aos interesses políticos, viabilizados por meio de decretos imperiais.

Criado pela Lei estadual nº. 624, de 22 de setembro de 1870, o BRA-JZA foi inaugurado como parque municipal somente em 25 de agosto de 1883 (Miranda, 2009). Localizado na avenida Almirante Barroso, nº. 2453, no bairro do Marco, é um fragmento de floresta de terra firme amazônica no centro de Belém (Figura 1), ocupando uma área de 15 hectares, distribuída em quatro quadrantes, com 112 canteiros. Constitui-se então em um dos principais espaços de visitação da cidade, recebendo aproximadamente 200.000 visitantes por ano, que têm a possibilidade de conhecer espécies representativas da Amazônia, bem como edificações históricas, datadas do início do século XX. Atualmente, o BRA-JZA é administrado pela Prefeitura Municipal de Belém, por meio da Secretaria Municipal de Meio Ambiente (SEMMA) (Belém, s.d.).



Figura 1: Vista da localização aérea do BRA-JZA na cidade de Belém (PA)

Figure 1: Aerial location view of the BRA-JZA in the city of Belém (PA)

Fonte: Belém, s.d.

Source: Belém, s.d.

Segundo Viana, Barbosa e Simonian (2020), o BRA-JZA foi projetado por José Coelho Gama e Abreu, o Barão de Marajó, durante o apogeu do ciclo da borracha (*Hevea brasiliensis*). Inspirado no *Bois de Boulogne*, em Paris, foi inicialmente batizado de Bosque do Marco da Léguas (Belém, 2024), em virtude de sua localização. No ano de 1903, o ambiente foi revitalizado para oferecer aos visitantes um local de lazer com diversas alternativas de distração, tais como: cascatas, lagos, ilhas, grutas, viveiros de aves e pontes sobre lagos. A denominação Bosque Rodrigues Alves efetivou-se somente em 1906, por iniciativa

do intendente Antônio Lemos, em homenagem ao então presidente da República Francisco de Paula Rodrigues Alves (Bahia, 2012).

O BRA-JZA sofre pressões antrópicas de diversas ordens, por conta da expansão urbana ao seu redor. No entanto, permanece oferecendo, além dos recursos já mencionados, um lugar de representação do imaginário, no qual podem ser interpretadas as lendas, os mitos ou os rituais amazônicos (Figura 2).



Figura 2: Monumento do BRA-JZA que representa a lenda da lara (Protetora das Águas).

Figure 2: Monument of the BRA-JZA that represents the legend of lara (Protector of the Waters).

Fonte: Belém, s.d.

Source: Belém, s.d.

Em janeiro de 2008, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), em conformidade com a Lei da Fauna (Lei nº. 5.197/1967), concede o certificado de Jardim Zoobotânico da Amazônia ao Bosque Rodrigues Alves (Belém, 2011). O BRA-JZA abriga mais de 10 mil árvores, distribuídas em mais de 300 espécies. Dos seus 15 hectares, mais de 80% são compostos por áreas verdes – os 20% restantes são caminhos para a circulação de pessoas. Entre tartarugas, jabutis, araras, cutias, o BRA-JZA é a morada de cerca de 435 animais, sendo 29 espécies vivendo em cativeiro e outras 29, em liberdade ou semiliberdade.

Para os moradores da cidade de Belém, o BRA-JZA é um espaço acessível de área verde, seja pela localização, seja pelo preço da entrada, sendo uma ótima opção de lazer para as famílias e de entretenimento para o público infantil, principalmente aos fins de semana. Os principais espaços visitados são o parque infantil, a brinquedoteca, o lago da lara, as ruínas do castelo, o monumento Fonte dos Intendentes, a gruta encantada, o jardim sensorial, o chalé de ferro e o coreto chinês (Figura 3). Além disso, o BRA-JZA recebe visitantes de vários lugares do estado, do país e do mundo, bem como alunos e professores de outros municípios do Pará e das ilhas do entorno da cidade, promovendo assim o segmento turístico denominado “turismo educacional ou pedagógico” (Bahia, 2012).

Os jardins zoobotânicos urbanos são espaços públicos para o lazer, servindo de fuga da vida corrida e da rotina de trabalho; são espaços verdes que oferecem aos cidadãos um retorno à natureza, fato cada vez mais raro e distante dos moradores das grandes metrópoles, além de proporcionar cultura, lazer e turismo às pessoas (Cardoso, 2017).



Figura 3: Quatro dos principais momentos encontrados no BRA-JZA: A) Chalé de Ferro, B) Jardim Sensorial, C) Ruínas do Castelo e D) Fonte dos Intendentes.

Figure 3: Four of the main moments found in BRA-JZA: A) Iron Chalet, B) Sensory Garden, C) Castle Ruins and D) Fountain of the Intendants.

Fonte: Belém, s.d.

Source: Belém, s.d.

Materiais e Métodos

O estudo inicialmente foi pautado pelo levantamento histórico e pela revisão bibliográfica. Em seguida, foi organizada uma visita ao BRA-JZA com os discentes do terceiro e do quinto períodos da FACTUR, mais especificamente da disciplina Técnicas de Agenciamento, disciplina composta por aulas teóricas e atividades práticas. A visita ocorreu no dia 12 de novembro de 2022, com o objetivo de compreender a opinião desses discentes quanto ao monitoramento do bolsista do VMPU. Essa prática é muito importante para a avaliação do projeto, uma vez que os próprios discentes do curso de Turismo avaliam a atuação dos monitores. Após a visita, os dados foram coletados por meio de 19 questionários com perguntas mistas, assim como pelo registro fotográfico da atividade. Os questionários continham questões subjetivas como faixa etária, gênero e semestre em curso, posteriormente questionou-se se já conheciam o BRA-JZA, a frequência de visita, e se consideravam relevantes aulas práticas no corpo de disciplinas

ofertadas pela FATCUR, finalizando o questionário, sondou-se a opinião dos mesmos com relação a visita monitorada, sua importância ou não, aspectos positivos/negativos e sugestões para o aprimoramento das atividades do projeto. Depois de aplicados os questionários no final da trilha monitorada, os resultados foram tabulados em planilha *Excel* (Microsoft Office 2013) com os dados absolutos/relativos para uma melhor interpretação.

Resultados

Os resultados indicam que a maioria dos entrevistados é do gênero masculino (63,6%), estando 78,9% na faixa etária dos 18 aos 25 anos, que pode ser definida como adultos jovens (Figura 4) – logo, aptos a cumprir a trilha desenvolvida pelo VMPU especificamente para esse público. Por se tratar de um espaço de visita que permeia a infância dos moradores de Belém, 63,2% dos entrevistados afirmaram ter frequentado três ou mais vezes o BRA-JZA, o que ratifica seu uso como *locus* de lazer, visto que há carência de espaços para essa prática em Belém, fruto da não priorização desses espaços pelo planejamento urbano local e da explosão demográfica da cidade.



Figura 4: Discentes do Curso de Bacharelado em Turismo da UFPA em visita monitorada ao BRA-JZA.

Figure 4: Students from the UFPA Bachelor's Degree in Tourism on a monitored visit to BRA-JZA.

Fonte: Arquivo do projeto VMPU (2022)

Source: VMPU archive

Com relação à visita monitorada, os informantes a consideraram, na sua totalidade, muito relevante. A maioria dos entrevistados já havia visitado o BRA-JZA sem a presença de monitores e, após a visita monitorada, foi-lhes questionado se preferem visitar o BRA-JZA com ou sem a presença de monitores: 73,7% afirmaram preferirem realizar a visita com monitores e 26,3% declararam preferir realizar a visita sozinhos. Porém, todos os discentes garantiram que as visitas monitoradas são importantes para os visitantes do BRA-JZA, em virtude das

informações repassadas durante a trilha. Com relação à visita sem monitores, os discentes informaram que preferem visitas de contemplação da natureza, que geralmente é atrapalhada durante a monitoria de grandes grupos.

Ao realizarem a avaliação da visita, os discentes-visitantes a consideraram excelente (63,2%) ou boa (36,8%), evidenciando que os objetivos do VMPU vêm sendo atingidos – conclusão reforçada também pela presença de poucas sugestões apresentadas pelos entrevistados para aprimoramento do projeto. Ao serem questionados sobre a atuação do monitor, 94,7% afirmaram que sua condução foi excelente. Todos sinalizaram que recomendariam a visita monitorada a outras pessoas, embora 5,3% dos entrevistados não tenham ficado satisfeitos com a condução – entretanto, um dos fatores que levaram a essa insatisfação foi o clima durante a visita, pois esse grupo de informantes prefere ambientes climatizados; de fato, o ambiente amazônico é quente e úmido, e deve ser respeitada a opinião de quem não se adapta ao clima local, sendo esta questão um problema planetário, oriundo do aquecimento global e da emissão de gases que acabam alterando o clima do planeta. Para amenizar os efeitos do calor amazônico, é necessário que algumas informações sejam repassadas antes das visitas, tais: como: vestuário apropriado, uso de protetor solar, boné e óculos escuros, assim como equipamento de hidratação (cantil) ao longo do percurso das trilhas.

Também foi questionado se os discentes realizaram alguma atividade após a visita técnica, como leituras complementares sobre a Amazônia. Pouco mais da metade (57,9%) dos entrevistados asseguraram terem sido estimulados pelos conteúdos abordados durante a trilha a buscar na internet informações a respeito de temas sobre os quais ficaram curiosos. Esse dado é muito relevante, pois evidencia que o conteúdo repassado pelo monitor tem possibilidade de desdobramentos e aprofundamentos em outros âmbitos. Vale a pena ressaltar que questões acerca dos componentes bióticos, abióticos e antrópicos da Amazônia, e a maneira como vem sendo tratados em âmbito das políticas públicas e sociedade em geral vem sendo abordados de maneira transversal e/ou direta no conteúdo das disciplinas que compõem a grade curricular do curso. Sendo assim já um conteúdo mais amplo acerca da sociobiodiversidade amazônica e seus impasses.

Os dados coletados permitiram não somente conhecer o perfil do visitante do BRA-JZA, mas também receber um *feedback* da visita realizada pelos monitores do VMPU, a fim de compreender de que maneira o BRA-JZA pode se constituir em uma referência para áreas similares existentes no estado e na região, permitindo repensar os PU como espaços de sustentabilidade e ratificando assim suas funções socioambientais.

Conclusão

Os PU são frutos de dinâmicas políticas, sociais e ambientais presentes na história da sociedade. Constituem-se em áreas onde os serviços ecológicos são associados ao lazer, à cultura e à sustentabilidade. Também são utilizados para a pesquisa e a educação, por serem fragmentos socioambientais em uma dada região.

O BRA-JZA, parque urbano municipal, vem sendo, ao longo de seus três séculos de existência, utilizado como espaço de memória social e de valorização do ecossistema amazônico, além de fomentar o resguardo desses espaços, que se mostram essenciais para a conservação da biodiversidade, e seu uso em atividades de lazer, pesquisa e extensão. A dinâmica das grandes cidades imputa a esse patrimônio problemas de diversas ordens, desde a carência de recursos até o impacto antrópico. Na tentativa de minimizar essas questões, o projeto Visitas Monitoradas a Parques Urbanos da Grande Belém-PA tem se constituído em uma relevante ferramenta de sensibilização e Educação Ambiental não formal para aqueles que frequentam esses espaços.

Incentivar a prática de visitas monitoradas em PU pela articulação das áreas do Turismo e da Biologia, alicerces do ecoturismo, expondo a importância da preservação e conservação da natureza local, é o viés que conduz o projeto, dinamizado por discentes e docentes da UFPA, e demais colaboradores. A pesquisa ora apresentada revelou que o monitoramento de trilhas é uma relevante estratégia para a operacionalização e êxito do projeto, que tem se tornado uma alternativa de valorização ambiental, podendo vir a ser uma alternativa de conservação da natureza local.

A interdisciplinaridade presente nas abordagens e na equipe evidencia que a execução do VMPU vem sendo exitosa, possibilitando ao BRA-JZA ser, de fato, percebido e utilizado não apenas por turistas, mas também pelos moradores de Belém, a partir do sentimento de pertencimento por este patrimônio. Nesse sentido, a Faculdade de Turismo da UFPA busca aproximar a comunidade acadêmica da sociedade, mostrando à população que o acesso ao patrimônio e ao ambiente natural é um direito de todos.

Referências

BAHIA, Mirleide Chaar. **O lazer e as relações socioambientais em Belém-Pará**. 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

BELÉM, Secretaria Municipal de Meio Ambiente. **Solicitação de Registro e Enquadramento de Jardins Botânicos Brasileiros**: Relatório Técnico do Bosque Rodrigues Alves – Jardim Botânico da Amazônia (BRA-JBA). Belém: SEMMA, 2011.

BELÉM, Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Bosque Rodrigues Alves: **Sobre o Bosque**. Belém: SEMMA, s.d. Disponível em: <https://semma.belem.pa.gov.br/bosque/institucional/bosque-rodrigues-alves/>. Acesso em: 20 fev. 2024.

BELÉM, Secretaria Municipal de Meio Ambiente. Bosque Rodrigues Alves: **Quem Somos**. Belém: SEMMA, s.d. Disponível em: <https://semma.belem.pa.gov.br/bosque/institucional/quem-somos/#:~:text=O%20Bosque%20Rodrigues%20Alves%20foi,e%20flora%20do%20ecossistema%20amaz%C3%B4nico>. Acesso em: 17 fev. 2024.

BRASIL. **Lei nº. 9.795**, de 27 de abril de 1999: Dispõe sobre a Educação Ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 28 abr. 1999. Seção 1, p. 1. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19795.htm. Acesso em: 06 out. 2023.

CARDOSO, Ana Cláudia Duarte; VENTURA NETO, Raul da Silva. A evolução urbana de Belém: trajetória de ambiguidades e conflitos socioambientais. **Cadernos Metrópole**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 55-75, 2013.

CARDOSO, Silvia Laura Costa. Tomada de Decisão em Jardim Botânico: Bosque Rodrigues Alves-Jardim Zoobotânico da Amazônia (BRA-JZBA). **Amazônia, Organizações e Sustentabilidade**, Belém, v. 6, n. 2, p. 123-131, 2017.

DIAS, Cléber; ISAYAMA, Helder. **Organização de atividades de lazer e recreação**. São Paulo: Érica, 2014.

DUARTE, Taíse Ernestina Prestes; ANGEOLETTO, Fabio Henrique Soares; SANTOS, Jeater Waldemar Maciel Correa; LEANDRO, Deleon da Silva; BOHRER, João Fernando Copetti; VACCHIANO, Marcelo Caetano; LEITE, Leandro Bernardo. O Papel da Cobertura Vegetal nos Ambientes Urbanos e sua Influência na Qualidade de Vida nas Cidades. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 40, p. 175-203, 2017.

FAUSTINO, Daiane Uinnes; TELES, Reinaldo Miranda de Sá. Pesquisa de satisfação em parques urbanos: um estudo no Parque Ibirapuera (SP). **Revista Brasileira de Ecoturismo**, v. 14, n. 3, p. 391-416, 2021.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. Parques urbanos, políticas públicas e sustentabilidade. **Mercator**, v. 13, n. 2, p. 79-90, maio-ago. 2014.

KITAMURA, Paulo Choji. **A Amazônia e o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Embrapa, 1994.

LOBATO, Flavio Henrique Sousa; HAMOY, Juliana Azevedo; BAHIA, Mieleide Chaar; MEGUIS, Thiliane Regina Barbosa; MENDES, Fabricio Lemos de Siqueira. "From the city of mango trees to the city of concrete": study on urban public green leisure areas in Belém (Pará, Brazil). **Revista Brasileira De Ecoturismo (RBEcotur)**, v. 16, n. 4, p. 303-320, 2023.

LOBODA, Carlos Roberto; DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues. Áreas verdes públicas urbanas: conceitos, usos e funções. **Ambiência**, v. 1, n. 1, p. 125-139, 2005.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Estudos do lazer**: uma introdução. Campinas: Autores Associados, 2002.

MARTINS, Raphael Tavares Pacheco; ARAÚJO, Ronaldo de Sousa. Benefícios dos parques urbanos. **Perspectivas Online**: humanas e sociais aplicadas, Campos dos Goytacazes, v. 10, n. 4, 2014.

MELO, Victor Andrade de. **Introdução ao lazer**. Barueri: Manole, 2003

MELO, Victor Andrade de. **Animação cultural**: conceitos e propostas. Campinas: Papirus, 2021.

MENGHINI, Fernanda Barbosa. **As trilhas interpretativas como recurso pedagógico**: caminhos traçados para a educação ambiental. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade do Vale do Itajaí, 2005.

MIRANDA, Evaristo Eduardo de. **Jardins botânicos do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2009.

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. *In*: MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina (Org.). **Interpretar o patrimônio**: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. p. 13-46.

SANJAD, Nelson. **Nos jardins de São José: Uma história do Jardim Botânico do Grão Pará, 1796-1873** (Dissertação de Mestrado em Geociências). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2001

VIANA, Janise Maria Rodrigues; BARBOSA, Helena Doris de Almeida; SIMONIAN, Ligia Terezinha. Lazer e turismo nos jardins botânicos de Belém (PA): um estudo do jardim botânico Rodrigues Alves e do parque zoobotânico do Museu Emílio Goeldi. **Papers do NAEA**, Belém, v. 1, n. 3, 2020.

Fabício Lemos de Siqueira Mendes: Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil.

E-mail: fabriciolsm@ufpa.br

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7245720087255239>

Juliana Azevedo Hamoy: Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil

Email: julianahamoy@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1172359884531609>

Helena Doris de Almeida Barbosa: Universidade Federal do Pará, Belém, PA

Email: hdoris65@gmail.com

Link para o currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1262968603212396>

Data de submissão: 13 de março de 2024

Data do aceite: 12 de julho de 2024

Avaliado anonimamente